DE MELLO

POESIAS

(P. 6)

O TUMULO

POESIA

DEDICADA PELO CONSELHEIRO

J. C. Bandeira de Mello

A' Saudosa Memoria do seu Irmão

O SENADOR

JERONIMO MARTINIANO FIGUEIRA DE MELLO.

RIO DE JANEIRO

Typ. a Vapor de A. Marques & C., rua Nova do Ouvidor n. 33.

1879.

O TUMULO

POESIA

DEDICADA PELO CONSELHEIRO

J. C. Bandeira de Mello

Á SAUDOSA MEMORIA DO SEU IRMÃO O SENADOR

JERONIMO MARTINIANO FIGUEIRA DE MELLO.

Musa vetat mori.
(HOR,)

Elle, immovel jazia em leito infausto,
E prestes a voar sua alma encontro ;
Já me não pôde ouvir, fitou-me apenas
Seu derradeiro olhar, e após instantes,
Vi-o, em minha afflicção horrenda e fria,
Sem sopro os labios, sem idéa a fronte.
Mais que nunca senti, no transe amargo,
Que á sua minha vida se avincúla,
Ergo em meu coração, de fé profunda
Um voto, como nunca os céos ouvirão.
Clamo do intimo : Oh ! Deus, tu pódes tudo !...
Debalde o leito lhe inundei de lagrimas.

Venho verter meu pranto hoje de novo
Na lugubre morada do sepulcro.
Porém, máo grado meu, na dôr extrema,
Absorta a mente, céos! me assalta a idéa
Temerosa questão. A luz divina,
Que desse immenso fóco se derrama,
E desmaiada paira em nossos rostos,
Morre acaso, se á origem retrocede?
Oh! soberba Razão! baldada tentas
Arcanos escrutar da negra estancia.
Sabes tu d'onde vem, onde termina
Da vida o tenue mysterioso fio?
Aos teus fatuos clarões, em cego enleio,
O mysterio da campa te desvaira,
A duvida recresce, e espavorida
Nos penetraes da fé a dôr se abriga.
Como é suave o crer, meu caro amigo!
Nessa mansão de luz, onde resoão
Concentos eternaes, entre os eleitos
Da custosa virtude o premio logras,
E auréola immortal te cinge a fronte.
Que conforto me dás, amavel crença!
Quasi do coração se escôa a magoa;
Porém, a morte, céos! a eterna ausencia!...
Volta o sol ao Oriente, á noite a sombra,
Torna aligera turba áos verdes ramos,
E doces cantos á estação das flôres:

Ah! para o homem só não ha regresso!
Demandando, porém, ignotas margens,
Em grão jubilo, após, em magoa térna,
Dado nos é rever no mesmo porto....
Mas, para não turvar celestes gozos,
Soltar nos véda a campa inuteis queixas?
Não — da saudade o jus os céos consentem,
E o tributo que a dôr aos mortos paga.

Dos teus amigos, pois, escuta os brados:
Este do coração teus dotes lembra,
E do espirito, aquelle, o culto e brilho.
Entre as caras reliquias do passado,
Olvidar-te não póde a patria amada.
Desde os mais tenros annos foi-te empenho
Subi-la a extremo gráo de lustre e gloria.
A vida, que proficua encher soubeste,
Não te abandona, amigo, sem renome;
Teus altos feitos hão de ser exemplos
De inspirado valor, raro civismo.

Sobranceiro ao favor, calcando a inveja,
Intrepido na luta, abriste a senda,
E de honrosa ambição te ergueste ao cimo.
A justiça por ti refreia ou pune
Fraudes sem pejo, civicas vinganças.
Oh! nobre lutador, aberta a arena,
Dos anciãos da patria no recinto,
Se teus dias o fado consentira,

Inda novo laurel te ornára a fronte...
  No solo estivo do teu berço amado,
Vibrou profundo o inopinado golpe ;
Até sobre o deserto a nova atrôa !
O caso triste o viandante ouvindo,
Attonito ficou, em dôr immerso,
Largo tracto de tempo, e após exclama :
" Forte Jequitibá ! Porque me roubão
Duros céos tua sombra ! " E proseguindo,
Os fructos que colheu, á mente evóca,
E saudoso a chorar inquire o como
Da montanha tombou o tronco amigo.
  Gloria ! Bello ideal ! Astro fecundo !
Que alimentas o genio deslumbrado
Ao magico poder dos teus encantos,
Do nobre coração, no longo estádio,
Foste a ardente paixão, e foste o sonho !
Sob as fulgentes azas da memoria,
Cede-lhe generosa eterno asylo,
E salva-lhe do olvído o egregio nome.

Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1878.